



O CHIAROSCURO DA RAZÃO

Kamper e os rastros do pensamento ocidental

por Danielle Naves de Oliveira¹

Resumo/Abstract: A tentativa, neste trabalho, é de abordar as relações do pensamento de Dietmar Kamper com a dita tradição filosófica ocidental. Nietzsche, no século 19, advertiu: é preciso investigar as "condições da cultura", sendo tal tarefa possível somente para homens do futuro, do século seguinte. Pois bem, muitos tentaram seguir os caminhos de tal investigação. Poucos foram tão sensíveis e argutos quanto Dietmar Kamper, que passeou por inusitadas trilhas, tanto dentro quanto fora do considerado ocidental. Não se pode, entretanto, sugerir que Kamper tenha sido um seguidor direto de Nietzsche, ou ainda, que tenha o tenha levado ao pé da letra. Não, nada disso. Seu pensamento tem nuances originais, sutis, e oscila com leveza entre as dualidades típicas da Tradição: claro e escuro, racional e onírico, sensível e inteligível, corpo e mente, entre outras. É sobre tal relação, ora tensa e ora terna, que tratará este trabalho.

- Em todo caso, para que a humanidade não se destrua com um tal governo global consciente, deve-se antes obter, como critério científico para objetivos ecumênicos, um conhecimento das condições da cultura que até agora não foi atingido. Esta é a imensa tarefa dos grandes espíritos do próximo século.

(F. Nietzsche: 1886: § 25)

¹ Danielle Naves de Oliveira é jornalista, doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie





1.

Ocidente é o nome que se dá a um destino de imagens, um longo declínio. Esta palavra que já nos soa esgotada e gasta, Ocidente, significa crepúsculo, ocaso, escurecimento. Seu oposto imediato é o oriente, que evoca o ouro (or, em francês), a luz dourada da manhã, a direção onde o sol nasce todos os dias. É possível que tal dualidade tenha sido inventada por nós mesmos, ditos ocidentais. Ou, em outros termos, o pensamento clássico quis gerar para si um destino próprio, que o distinguisse de tudo o que já havia existido anteriormente. Daí a preponderância das imagens - filhas da justa medida entre claro e escuro - na história de um pensamento que se supõe inaugurado há 25 séculos com os gregos.

Também a idéia de Tradição, com letra maiúscula, está aí envolvida. É nela que o mundo ocidental repousa e guarda seus segredos. A Tradição oferece ao homem a possibilidade de conviver com os monstros criados pela razão, além de oferecer também as leis, as regras de convívio e os vínculos necessários à sociabilidade e à comunicação em vários níveis. Ela é nossa casa, nossa morada, no sentido grego de Ethos. Contudo, não se deve confundir Tradição com Cultura, pois esta última remete a elementos ainda mais arcaicos, cujos rastros são de mais complexa interpretação.

Neste sentido, Nietzsche, no século 19, advertiu: é preciso investigar as "condições da cultura"; sendo esta tarefa possível somente para homens do futuro, do século seguinte. Pois bem, muitos tentaram seguir os caminhos de tal investigação. Poucos foram tão sensíveis e argutos quanto Dietmar Kamper, que passeou por inusitadas trilhas, tanto dentro quanto fora do considerado tradicional. Não se pode, entretanto, sugerir que





Kamper tenha sido um seguidor direto de Nietzsche, ou ainda, que tenha o tenha levado ao pé da letra. Não, nada disso. Seu pensamento tinha nuances originais, sutis, e oscilava com leveza entre as dualidades típicas da Tradição: claro e escuro, racional e onírico, sensível e inteligível, corpo e mente, entre outras.

É sobre esta relação, ora tensa e ora terna, que tratará este trabalho.

2.

É na modernidade que toma força um conceito de homem separado não só do mundo mas de si mesmo. Marcado pela violência da cisão entre corpo e mente, recebe o nome de sujeito (subjectum). A radicalização de tal violência acontece mais tarde, no fim do século 20: vive-se já completamente no espírito, na virtualidade, a ponto de não haver mais corporeidade possível. Essa tese encontra-se particularmente na obra de Dietmar Kamper, para quem o mundo tecnológico e das imagens digitais significa não "a superação do modelo cartesiano, mas o ponto mais alto deste" . A questão, no entanto, é saber até que ponto a investigação de Kamper instala-se no interior da filosofia, numa espécie de diálogo com o projeto de René Descartes e, no limite, com toda a tradição metafísica do Ocidente ou se suas reflexões vão em outra direção.

Deve-se ainda considerar que, à primeira vista, o trabalho de Kamper mostra-se mais como crítica do que como diálogo com autores ou sistemas filosóficos. A questão do corpo é seu ponto de partida na investigação, sendo que esta não ocorre através de um método cronológico ou sistemático. Encontrar vestígios de corporeidade na era dos media virtuais exige mais do que um método, exige um rastrear, isto é, uma forma de pensar para trás, seguindo sinais tênues, marcas do ausente, de algo que não está mais lá. A palavra alemã para rastrear é spüren, que significa sentir (e, às vezes, cheirar), algo a ser feito





corporalmente, com os sentidos; tem a mesma raiz que o substantivo Spur, rastro, vestígio. Este modo de pensar aproxima-se, de certa forma, da genealogia nietzschiana, da arqueologia proposta por Foucault ou mesmo da *différance* de Derrida. O rastro não se dá pela dissecação de nenhum objeto, tampouco pela paralisação de processos tentando esquadrihá-los, paralisá-los no tempo.

Neste ponto, são necessários alguns desdobramentos. Rastrear não corresponde à atividade metódica; é, ao contrário, a única forma possível de trabalhar diante de ausências, de signos que já nada têm em seu fundo. Mas, cabe agora a pergunta, qual é o signo que guarda um fundo? Existe o fundo, a verdade oculta atrás de todos os véus (*alethéia*)? Tal pergunta jamais pode ser posta por aquele que rastreia, pois já vem impregnada de polaridades como fundo-superfície, sujeito-objeto. O rastro não esconde nenhum fundo, ele próprio é infundado. Dizer que algo é infundado é conceder-lhe a natureza de abismo (*Abgrund*, em alemão, sem fundo), um lugar onde não opera a razão científica moderna.

Sondar abismos é o que faz Kamper. E possivelmente por esse motivo sua escrita soe tão misteriosa, às vezes ilegível. Sua linguagem oscila entre o dizível e o indizível, operando sobretudo nas brechas, nos silêncios, na sugestão daquilo que não pode ser dito porque simplesmente não há palavras para tal. Lá, onde as palavras são incapazes de traduzir uma intenção, um sentimento, é que pode tomar lugar novamente a corporeidade. Mas é engano pensar que Kamper tenha uma resposta ou definição sobre o corpo. Se este já se perdeu, transformou-se gradualmente em imagem e não há, portanto, como defini-lo ou saber que ele é. O corpo é um ausente. Fora desse horizonte (da falta) nada mais pode ser dito.





No mais, defini-lo ou inserir o corpo nos limites da linguagem moderna seria o mesmo que matá-lo. A argumentação e a razão sistemática tornam-se obsoletas diante da efetividade corporal e não fazem outra coisa além de reforçar a noção metafísica de um eu separado do mundo: "Golpes argumentativos, falas defensivas, medidas de uma corte jurídica que exaltam categorias, buscar o menor denominador comum, usar signos como armas, enfim, o inteiro arsenal bélico da razão não tem levado a nenhum lugar a não ser a um focamento sistemático do ego, da auto-referência do pensamento." Este ego de que fala o autor alemão corresponde ao sujeito da sentença cartesiana cogito, ergo sum (penso, logo existo), que se põe diante do mundo como uma coisa que pensa (*res cogitans*). Porém, é possível que para Kamper o homem enquanto coisa, extensa ou pensante, exista unicamente no nível dos conceitos e da teoria.

A denúncia de que os corpos foram substituídos por imagens parece, então, ultrapassar as fronteiras da filosofia, sociologia, antropologia ou história. Estas disciplinas, em geral, estão habituadas a trabalhar com "coisas", objetos científicos ou do conhecimento, presenças ontológicas, enfim, com o ser. Se Kamper começa sua investigação pelo tema do corpo, é porque este não está mais aqui. Só há seus rastros, já quase apagados, a serem seguidos. Deixa de ser um problema particular da razão. A tentativa é um pouco paradoxal, pois nutre-se da energia de um ausente. Ele diz:

A transformação dos corpos em imagens de corpos teve lugar numa série de graus de abstração. Abstração significa aqui "subtrair o olhar a" [Absehen von]. O poder do olhar manifesta-se naquilo que não é visto, que é deixado à margem como vítima da primeira distinção de uma visão focalizadora. Os corpos que nos circundam foram inicialmente distanciados e estilizados em retratos, estátuas e corpos imaginários [Bildkörpern]; depois, fotografados em planos e feitos imagens de corpos [Körperbildern]; e, finalmente,





projetados sobre suportes de imagens de materiais diferentes, da tela de linho à da TV, ainda que a tendência à imaterialidade fosse inevitável. Da circundância passando pela oposição ao objeto e ao fantasma, do que nos circunda [Circumjekt] passando do objeto ao projeto e ao projétil não parece haver freio [Halten]. Pois o fantasma-projétil comporta-se no fim como um zumbi [Wiedergänger], como um agressivo espírito que retorna do além-túmulo.

As imagens de que fala Kamper não são meros efeitos visuais e tampouco se resumem a seus "suportes" físicos. Foto, TV e publicidade são os rastros mais aparentes e imediatos da abstração. Estão na linha das imagens metafísicas, simulacros, cópias defeituosas de uma suposta realidade que foi gradualmente abstraída/subtraída do cenário humano. Não é possível determinar quando teve início esse longo processo de descorporificação. Talvez a história das imagens-simulacro confunda-se com a própria história do Ocidente. De qualquer maneira, o que se intui é que isso tudo faz parte de uma tendência a estabelecer quebras duais. Noite-dia, trevas-luz, ocidente-orientes, vida-morte, homem-mulher, esquerda-direita, inteligível-sensível, fantasia-realidade, alma-corpo, mente-corpo, natureza-cultura e uma série de outros pares estão na base da mentalidade constitutiva ocidental.

De outro lado, praticamente oposto, está Descartes. Recuperá-lo, no interior de seus textos e pensamento, faz parte também da estratégia de recuperação corporal no ocidente. Pode-se dizer que, no fim do século 20, é mais conhecida a imagem do autor do que sua própria obra. Por isso é impróprio atribuir ao filósofo francês a culpa pelo fato de sociedades contemporâneas estarem mergulhadas na virtualidade. Curiosamente, o ponto que o salva é o mesmo que o condena: os conceitos. Descartes é o filósofo da virtualidade e não o seu implantador. Ao que se sabe, ele nunca esteve envolvido diretamente na





realização ou verificação empírica de suas idéias. Mais que isso: o cogito e a dualidade subjetiva não estão ligados a nenhuma época. Não são acontecimentos vinculados a sociedades tecnológicas ou a processos mediáticos. Em Descartes, os pólos corpo/mente ocupam posição ontológica, ou seja, constituem o ser, sempre estiveram lá.

Mas a questão do cogito e as outras cisões descritas por René Descartes no século 17 são, de certa forma, uma continuidade da tendência dicotômica na civilização. Se bem que, no caso filósofo francês, tudo isso é exacerbado, levado ao limite. Descartes transforma a dicotomia em projeto "para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências" .

A reflexão de Descartes é ontológica, não epocal. A de Kamper, por sua vez, diz respeito a uma época, sua própria época, sua vivência. Não há como comparar os dois, mesmo se estiverem em pólos opostos. Isto já seria uma dualidade cartesiana. O que pode-se sugerir, no máximo, é que ambos ocupam registros diferentes quanto à tarefa do pensamento. O diálogo de Kamper não é com Descartes nem com Platão, mas com o Ocidente e, principalmente, com a vida. Ele se aproxima de Descartes unicamente para realizar seu trabalho de rastreamento do corpo e vê que lá também não encontra nada. É possível que nunca encontre.

Dietmar Kamper parece não se preocupar exatamente com um projeto racionalista. Adentrar a trilha do corpo, para ele, é mais do que sair de um destino dual; é alcançar a dimensão da experiência da comunicação e daquilo que não pode ser separado nem em conceito nem em realidade - mesmo porque tal divisão jamais ocorreu de fato. A questão de Kamper não é unicamente filosófica, pois é também marginal. É marginal, da margem, das bordas do abismo, e não se presta a enquadramentos disciplinares. A hipótese lançada é de que ele não é um filósofo da Tradição, mas de seu grande destino declinante.



**3.**

Post-scriptum em primeira pessoa.

Devo confessar meu pouco contato com Dietmar Kamper. Vi-o apenas algumas vezes em suas passagens pelo Brasil, durante conferências em universidades ou outros eventos, sempre à distância - aquela distância que se tem naturalmente diante de pessoas de grande intensidade, pulsantes, vivazes. O Kamper que chegou até mim era então uma voz, pausada e ao mesmo tempo vigorosa, que brincava com o logos e com todas as coisas ditas sérias da civilização.

Mas pouco contato diz respeito também às obras. Os textos de Kamper lidos entre nós não são muitos. São, na verdade, frutos do esforço de pesquisadores insistentes, preocupados em realizar discussões fora dos cânones instituídos na comunicação e na cultura. Cito aqui em especial o trabalho de Norval Baitello Jr., principal multiplicador do pensamento de Kamper no Brasil e que o trouxe várias vezes, através da PUC de São Paulo, para eventos de diversas naturezas; cito também Ciro Marcondes Filho, que traduziu textos para um curso de pós-graduação ministrado em 1998, na Eca/USP.

Ainda com todas essas dificuldades, vale o contato. Chegar ao interior de qualquer texto de Kamper equivale à experiência de romper com distâncias e de fazer do pensamento uma vivência corporal. Por isso a palavra contato é aqui tão importante. Sugere a ruptura com um mundo de imagens metafísicas, imagens virtuais que impedem a proximidade efetiva entre pessoas.

Neste sentido, este texto que acabo de apresentar é também um distanciamento, uma reflexão sobre o incomunicável, algo que chega sempre com atraso. Ora, não é preciso lembrar que as vivências, em sua plenitude, são incomunicáveis. Delas, só se tem acesso a





parcas descrições, signos, rastros. Assim, não posso comunicar a voz de Kamper dizendo "o rastro, este, só pode ser rastreado". Não posso, pois se trata de um acontecimento passado, único e instantâneo, como todos os outros acontecimentos. No mais, a voz é algo que nos escapa.

Durante algum tempo, eu tive a suspeita de que Kamper era filósofo, no sentido em que são filósofos Nietzsche, Heidegger e Derrida. Dizia isso por causa do diálogo estabelecido entre ele e o pensamento destes e outros pensadores, anteriores. Contudo, hoje não sei mais se persisto nesta idéia, por ser ela própria muito rasa. É possível que Kamper nunca tenha se preocupado com tais demarcações disciplinares ou tradicionais. Tampouco vejo nele rastros de um diálogo com autores. Importante é seu contato com a civilização e com suas marcas sutilmente deixadas nas superfícies das imagens e das vivências.

Seu diálogo instala-se, simultaneamente, de maneira radical e marginal. Radical porque recusa qualquer generalização e universalidade conceitual. Marginal, por procurar manter-se naquilo que não se mantém: na margem mesma, borda do abismo, no declínio que constitui a condição humana.

Dietmar Kamper morreu em outubro de 2001. De certa forma, é mais fácil falar de um pensador já morto, que não está mais aqui para se defender das grosserias interpretativas a que seus textos são submetidos. Por outro lado, tal facilidade é também uma dificuldade: dirigir-lhe perguntas diretamente torna-se impossível; o que resta são apenas escritos, rastros etéreos de algo que já foi corporal. Sua voz, viva e instantânea, desapareceu de uma vez por todas.

Assim, o que se tem aqui são impressões de uma estudante que o viu e ouviu poucas vezes - e à distância. Não devo portanto ser levada à sério. Gostaria somente de repartir





essas impressões, que não são nada precisas, e finalizar este texto com palavras que lhe eram familiares:

rastrear, imaginar, aniquilar, abismar, projetar, brincar, sonhar.

KAMPER, Dietmar, (1998) *O trabalho como vida*. Trad. Peter Naumann e Norval Baitello Jr. São Paulo: Annablume

KAMPER, Dietmar, (1998) *Imanência dos media e corporeidade transcendental. Oito postos de observação para um futuro medial*. Trad. Ciro Marcondes filho. São Paulo: [inédito]

KAMPER, Dietmar, (1994) "O medial, o virtual o telemático: o espírito voltado a uma corporeidade transcendental". Trad. Ciro Marcondes Filho. In: FASSLER, M./HALBARCH, W.R. (org.). *Cyberspace. Gemeinschaften, virtuelle Kolonien, Öffentlichkeiten*. Munique, Wilhelm Fink, 1994, p. 229-237.

KAMPER, Dietmar, (1998) *As máquinas são tão mortais quanto as pessoas. Uma tentativa de excluir o telemático do pensamento*. Trad. Ciro Marcondes Filho. São Paulo: [inédito]

KAMPER, Dietmar, (1989) "Between simulation and negentropy: the fate of the individual in looking back on the end of the world." In: KAMPER & WULF (org.). *Looking back on the end of the world*. Nova York: Semiotext(e), Pág. 96-105.

KAMPER, Dietmar, (1995) *Unmögliche Gegenwart. Zur Theorie der Phantasie*. Munique: Wilhelm Fink, 1995.

KAMPER, Dietmar, (1986) *Zur Soziologie der Imagination*. Munique/Viena: Carl Hanser, 1986.

